

## **A PERSPECTIVA DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR**

Jayann Batista de Araújo<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Maranhão  
jayannbatista@hotmail.com

Fabio José Cardias Gomes<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Maranhão  
kironjp@hotmail.com

### **RESUMO**

O presente trabalho objetivou contribuir com análise sobre a perspectiva do professor diante os conflitos escolares, especialmente o fenômeno *bullying*. Foram realizadas três entrevistas semiabertas com três professores, uma coordenadora e dois alunos de uma escola pública da cidade de Imperatriz, no sul do Maranhão, Brasil. Buscou-se compreender como se dá o *bullying* no âmbito escolar específico, a sala de aula, e a importância do papel social do professor no trato deste problema-tarefa.

**Palavras-chave:** Bullying. Professor. Sala de aula.

### **LECTURER'S PERSPECTIVE ON BULLYING AT SCHOOL**

#### **ABSTRACT**

This work aimed to analyze primary school lecturer's perspective on scholar conflicts, especially the bullying phenomenon. Three semi structured interviews were hold among three lecturers, one coordinator and two pupils from a public school in the city of Imperatriz, south of Maranhão State, Brazil. It was searched to comprehend how bullying is seen in a specific scholar situation, in the classroom, and the importance of lecturers' social role while copying with this task-problem.

**Keywords:** Bullying. Lecturer. Classroom.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, Pós-Graduada em Psicopedagogia pela a Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz. Av. Augusto Paschoal da Silva, 670 Vila Getúlio Vargas - Wenceslau Braz – PR.

<sup>2</sup> Professor Adjunto na Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz. Coordena o projeto LIBER-ARTE: psicologia comunitária e arte-educação, psicólogo educacional da instituição - CRP 11/07821.

## **Introdução**

Este trabalho enfatizou a percepção de professores sobre a incidência de casos de *bullying* em sala de aula, presumindo que a presença do professor pode estimular ou combater esse tipo de violência, pois, de acordo com Berger e Luckman (1995), o professor deve exercer o papel de interventor intencional, estimulando o aluno a desenvolver habilidades e conhecimentos através de desafios que o levem a elaborar soluções no seu cotidiano e o desenvolvimento de um bom relacionamento entre as pessoas com quem se relaciona diariamente. Presume-se, desta forma, que os professores devem ser protagonistas e se juntar aos alunos na luta contra o *bullying*.

Atentos para as grandes repercussões dos casos de *bullying*, e sabedores de que a maioria dos casos acontece dentro do âmbito escolar, surgiu a necessidade de pesquisar que postura os educadores tomam frente essas agressões. Deste modo, definiu-se como objetivo geral deste trabalho analisar o papel do professor, como personagem principal deste estudo, acerca dos casos de *bullying* em sala de aula, e compreender seu conhecimento teórico e prático a respeito do mesmo. Para tanto, a pesquisa se restringiu à coleta de dados entre três professores, uma coordenadora e dois alunos de uma escola pública, sem a intenção de comparação com outras escolas, o que o caracteriza como um estudo de caso.

O cenário da pesquisa foi uma escola pública de Imperatriz, uma cidade sul-maranhense, cuja localização é entre a Rodovia Federal BR-010, ou mais conhecida como Belém-Brasília, e o navegável rio Tocantins, o qual favorece a movimentação econômica e comercial não só da própria cidade, mas também de todo o norte do país, marcada por significativo processo migratório. O bairro onde a pesquisa foi aplicada é periférico, carente de infraestrutura e segurança pública. A escola possuía, na época da coleta, onze professores, um coordenador e seiscentos alunos divididos nos turnos matutino e vespertino. Além disso, possui várias adaptações para suprir as necessidades educacionais dos alunos, como, por exemplo, a falta de um espaço específico para práticas esportivas, sendo necessária a utilização do pátio comum a todos os alunos para a realização de tais atividades.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram três entrevistas semiabertas, com nove perguntas para os professores, seis à coordenadora e sete aos alunos. Cada instrumento, entretanto,

foi adaptado aos informantes e ao objetivo da pesquisa, ou seja, aos professores, ao coordenador e aos alunos, com a ênfase dada ao ator escolar que é o professor. Foram feitas gravações em áudio de todas as entrevistas e posteriormente a transcrição destes dados. Leituras exaustivas das mesmas foram efetuadas para possibilitar uma melhor compreensão da visão dos componentes da amostra acerca da temática.

Após exame exaustivo e cuidadoso das referidas transcrições e, tendo como referência teórica de análise a literatura estudada chegou-se a alguns resultados, os quais são discutidos abaixo, acrescidos de nossas considerações profissionais.. Importante afirmar que baseamo-nos principalmente nos estudos de Abramovay e Rua (2003), Fante (2005, 2008), e outros como Clemence (2002), Schilling (2004), Aramis (2005), Chalita (2008), além de ampla bibliografia de apoio.

O presente artigo foi dividido em quatro movimentos assim estabelecidos: **1) Contexto histórico do bullying:** primeiros estudos, problematização nos dias atuais, termos utilizados para definir o bullying; **2) O bullying no âmbito escolar:** a escola como um lugar de socialização, aprendizagem, formação social e intelectual, a qual enfrenta grandes desafios de combater e prevenir a violência; **3) A interface do bullying no âmbito escolar:** expõe os resultados, interpretação e a discussão dos dados coletados, e; **4) Considerações finais:** são destacados os objetivos alcançados, ou parcialmente alcançados, os aprendizados ao longo do estudo e são apontadas sugestões para pesquisas futuras.

A seguir revisitamos e iniciamos o tema geral a partir do contexto histórico da temática. Enfatizamos os primeiros estudos sobre o *bullying* e sua grande repercussão nacional e internacional contemporânea.

### **1. Contexto histórico do bullying**

Os primeiros estudos sobre bullying foram realizados ao final da década de 1970, com destaque para a pesquisa do professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega. O *bullying* sempre existiu, porém o primeiro a relacionar esse comportamento como fenômeno e investigá-lo sistematicamente foi o próprio Olweus que, ao estudar as tendências suicidas entre

adolescentes na Noruega, descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e concluiu que esse tipo de violência, tal como as demais, era um mal a se combater.

A palavra *bullying* é derivada da palavra inglesa *bully* que significa “valentão”, “brigão”. E por não ter denominação em português é entendido como ameaça, opressão, intimidação, humilhação, tirania e maltrato. Os *bullies* são uma nomenclatura destinada às pessoas que praticam agressões físicas e/ou morais de forma contínua, ou seja, a pessoa quem pratica o *bullying*. Segundo Aramis (2005), as características incluem: **a)** querer ser o mais popular, **b)** sentir-se poderoso e; **c)** obter uma boa imagem de si mesmo. Isso leva o autor do *bullying* a atingir o colega com repetidas humilhações ou deprecições.

Entretanto, a atuação desse comportamento não se restringe ao âmbito escolar e por esse motivo é um problema de interesse da sociedade em geral. De acordo com Fante (2005), o *bullying* pode ocorrer em qualquer contexto social, como: escolas, universidades, família, vizinhança e locais de trabalho. Destaca-se que até mesmo apelidos aparentemente inofensivos podem afetar emocional e fisicamente a pessoa.

É possível constatar que o *bullying* se tornou um fenômeno mundial e reforça-se o consenso de que não somente a violência física merece atenção, mas outros tipos de agressão podem ser traumáticos e graves, como a subjetiva e a psicológica. Ademais, dentre inúmeros casos de violência escolar, que são considerados comuns, os olhares recaem em especial sobre os casos atualmente denominados *bullying*, pois, de acordo com Fante (2008), na atualidade o *bullying* é um dos temas escolares mais discutidos em todo o mundo.

Estudos e a revisão literária nos indicaram que as ocorrências do *bullying* podem ser decorrentes de indisciplina nas escolas, preconceitos, negligência dos professores na sala de aula e dos gestores escolares, conflitos familiares, dentre outros motivos. Para compreender e explicar tal fenômeno nas escolas convém recorrer a aspectos relativos tanto ao interior quanto ao exterior dessas escolas, tanto às características das vítimas quanto às dos agressores, e também quanto às diferentes instituições e ambientes pelos quais os alunos circulam. Como apontam Abramovay e Rua (2003, p. 25):

Os pontos cruciais para o desencadeamento do *bullying* são fatores externos

nomeados por eles de variáveis exógenas e aspectos nomeados internos, chamados de variáveis endógenas. Classificando como aspectos externos, questões de gênero (masculinidade/feminilidade), relações sociais (racismo/xenofobia), características sociais da família, influência dos meios de comunicações (rádio, TV, revistas, jornais e etc.) e espaço social das escolas (bairro, a sociedade).

Referente alguns dos aspectos internos considerados, aponta-se: **a)** a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes; **b)** as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos, **c)** o impacto do sistema de punições e o comportamento dos professores em relação aos alunos e a prática educacional em geral.

Apesar da separação dessas definições, é preciso atentar para os aspectos internos, pois embora a escola passe por problemas de violência, ela possui a capacidade de construir projetos e estratégias que sirvam como intervenção para o combate à violência escolar, em que pese à contradição da escola ser, ao mesmo tempo, espaço reprodutor dos valores sociais negativos vigentes. Dentre as principais estratégias é possível destacar as relações sociais na comunidade escolar, em especial a relação entre professor e aluno, acerca do bullying foco deste trabalho.

Sobre as possíveis causas do fenômeno em estudo, há diversas contribuições, como por exemplo, Aramis (2005) Salles e Silva (2011) o qual destaca que os motivos que levam a esse tipo de violência são extremamente variados e relacionados com as experiências que cada aluno tem em sua família e/ou comunidade. Não menos importante Narodowski (2012) enfatiza a necessidade de se ter um olhar mais apurado em relação ao bullying evitando definições equivocada para a prática dessa violência.

Fante (2005) Silva (2010) aponta que os *bullies*, em vários casos, mantém um grupo em torno de si que atua como auxiliar em suas agressões ou é indicado para agredir o alvo. As autoras também afirmam que os indivíduos que compõem esse grupo geralmente são alunos inseguros, ansiosos e dificilmente tomam a iniciativa de agredir, se sujeitam à liderança do autor para se proteger ou pelo prazer de pertencer ao grupo dominante, ou seja, com sentimentos de pertencimento e aceitação grupal, mesmo distorcido, desajustado e mal adaptado.

Por outro lado, Aramis (2005) reforçam que a desestruturação familiar, o excesso de tolerância ou de permissividade, entre outros, podem ser motivos para o aparecimento do *bullying*.

Embora existam também fatores individuais que possam influenciar no comportamento da criança, dentre eles a hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, entre outros.

Embora seja comum, pessoas leigas acharem que todo conflito escolar é decorrente desse tipo de violência, muitos chegam a essa conclusão por falta de conhecimento. Existem algumas diferenças que distinguem conflitos escolares dos casos de bullying. Vinha (2003) nos aponta que para ser considerado *bullying* a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: **1)** intenção do autor em ferir o alvo; **2)** a repetição da agressão; **3)** a presença de um público espectador e; **4)** a concordância do alvo com a ofensa.

Vinha ainda apresenta certa preocupação em definir os casos, quando se refere que todo *bullying* é uma agressão, mas nem toda agressão é classificada como *bullying*. Para Fante (2005) a brincadeira só existe quando todos os envolvidos se divertem, caso exista alguma brincadeira em forma de discriminação, ou alguma pessoa seja forçada a participar, então não é mais brincadeira, pode ser *bullying*.

Em virtude dos diversos apontamentos, percebe-se que é a análise cuidadosa e mesmo personalista, e menos as comparações de culturas grupais, de cada caso de violência escolar que contribuirá com a diminuição do risco de banalizar os atos de *bullying*. Tarefa difícil, mas não impossível de sistematização e compreensão mais profunda. Embora Narodowski (2012, p. 10) aponte algumas fragilidades sobre o conceito de *bullying*, como abaixo:

El bullying es un concepto bien fácil de manejar en un contexto que la autoridad adulta no se ejerce pero ya ni se reclama. Un concepto flexible, amplio, liviano, que permite intentar resolver conflictos sabiendo que el docente en tanto adulto ocupando un lugar de saber es algo que no necesariamente habrá de ocurrir.

Porém, como já apontado, o *bullying* decorre de agressões sistemáticas, difamação, calúnia e boatos maldosos a uma vítima ou grupo. Fante (2009) acentua que a prática direta dessa violência

ocorre quando o agressor ataca a vítima por ofensas verbais, vulgares, agressão física e roubos. Vale ressaltar, que esse tipo de comportamento é mais comum entre meninos. Já na prática indireta as vítimas são atacadas através de fofocas, difamação e exclusão, o que é tão prejudicial quanto a forma direta. Geralmente a prática indireta é mais utilizada por meninas.

Leite (1999) acrescenta que a educação de meninos e meninas é distinta, com imposições de gêneros sociais, no sentido que os meninos possuem a necessidade de confirmarem constantemente sua masculinidade através de atitudes agressivas. Vale salientar que, dentro desse contexto os meninos estão mais envolvidos tanto como autores quanto como vítimas, enquanto que as meninas precisam comprovar sua feminilidade, sendo assim menos improvável que elas cometam atos agressivos e por consequência aderem a outras formas de violência.

Chalita (2008) evidencia que o avanço da tecnologia, a propagação das redes sociais e o acesso deliberado à internet impulsionaram a evolução negativa desse comportamento, fez com que surgisse o *cyberbullying*, que é uma modalidade de *bullying* indireto onde o agressor mantém-se no anonimato enquanto espalha mensagens difamatórias, preconceituosas, racistas, entre outras formas, nos meios de comunicação, via torpedos, e-mails e através dos sites de relacionamento e entretenimento.

Fante e Aramis (2005) reafirmam que é notório que as atitudes do agressor influenciam as testemunhas e acabam por gerar novos agressores, pois em busca de defesa as testemunhas agem de forma agressiva para não se tornarem vítimas. Diante disso, crianças e adolescentes testemunhas de atos do *bullying* poderão levar consequências para sua vida adulta ao tornarem-se pessoas omissas e sem iniciativas em meio às injustiças. Desta forma, podemos constatar que o *bullying* afeta todos os envolvidos na agressão.

Para Fante e Aramis (2005) os projetos de prevenção e intervenção contra esse comportamento no âmbito escolar, devem levar em conta todos os participantes dos atos de *bullying*, e ter em vista que todos, de certa forma, são considerados vítimas.

As crianças e adolescentes vítimas de *bullying* possuem um perfil que favorece os ataques e o autor, por sua vez, se apropria deste aspecto. Segundo Fante (2005) e Silva (2010), o perfil típico engloba: “timidez, ansiedade, insegurança, dificuldade de se impor, medo de denunciar seus

agressores, baixa autoestima, se torna indefesa e à mercê das ações do agressor”.

Apesar das vítimas possuírem um perfil psicológico “frágil”, os ataques não decorrem somente através desses fatores, mas também por meio de vulgos que sempre se referem a alguma característica física ou comportamental marcante, como cor da pele, cabelo crespo, obesidade, baixa estatura, não gostar de praticar esportes, dentre outros, que de certa forma atraem a atenção do agressor. De acordo com Fante (2009), os estudiosos identificam e classificam as vítimas de *bullying* em três aspectos: **1)** A vítima típica que serve de bode expiatório para um grupo; **2)** A vítima agressora que reproduz os maus-tratos sofridos; **3)** A vítima provocadora que promove reações com as quais não possui habilidades para lidar.

Como consequências do *bullying* o vitimado tende a desenvolver uma série de danos psicológicos como síndrome do pânico, depressões, marginalização, evasão escolar, traumas, desejos de vingança, entre outros. Fante (2008) dirá que esses tipos de consequências poderão estimular na mente do vitimado, uma construção inconsciente de cadeia de pensamentos destrutivos de si mesmo e da sociedade, podendo levá-los ao suicídio. Esta temática também é ilustrada no cinema internacional, como em: *O Substituto*, do diretor Tony Kaye (2012), *Preciosa*, de Lee Daniels (2009) e *Tiros em Columbine*, de Michael Moore (2002), que podem ser boas referências imagéticas.

## **2. O bullying no âmbito escolar**

Antigamente, os estudos sobre a escola referiam-se a uma instituição fundamental na história da modernidade e também como um lugar de superação das desigualdades sociais, da construção da democracia e dos direitos humanos, conforme apontou Schilling (2004). A violência desenfreada no âmbito das escolas tem causado grandes repercussões pela agressividade desmedida e pelo descaso relacionado à capacitação do corpo docente para intervir nos conflitos, conforme esclarece Fante (2005).

Schilling (2004) ressalta ainda que, a escola é apontada como lugar da reprodução das desigualdades sociais, de gênero, de raça, da pobreza, da exclusão social, e que a mesma teria, assim, sua cota de mantenedora das expressões de violências socioeconômicas, sem questioná-las



de forma mais crítica e profunda, reforçando os comportamentos sociais em questão. Mas, enquanto educadores, nós acreditamos sim, que é diante da ampliação de acesso às escolas que a educação passe, ou repasse, a ser focalizada como prática que possibilite a realização contínua dos direitos humanos, das diferenças e equidades. Ou seja, na possibilidade real desta reconstrução pedagógica.

Silva e Salles (2010) destacam que as violências mais comuns no âmbito escolar são verbais e físicas. Nas escolas os professores alertam sobre a presença de ameaças como o desrespeito e acrescentam que a violência aumenta tanto no aspecto quantitativo quanto no qualitativo, e que os tipos de violência acima citados ocorrem com frequência no dia a dia escolar.

Clemence (2002), por outro lado, ressalta que embora professores e diretores compartilhem o mesmo local de trabalho, a natureza de suas funções pode resultar em termos de definições diferentes. Em virtude desse apontamento é importante saber sobre as perspectivas do professor diante dos atos de *bullying*, entre outros termos, e desta forma, saberem definir corretamente os tipos de violência.

Diante disso, pode-se afirmar que o papel do professor é essencial no combate e repressão ao *bullying* em virtude de sua grande influência no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Chalita (2008), o professor é o grande agente do processo educacional, “A alma de qualquer instituição”, por mais que se invista na equipagem das escolas. Dada essa grande importância ao professor, no que se refere a conflitos no âmbito escolar em especial na sala de aula, sua importância fica mais evidente, principalmente se o conflito envolver seus alunos e seu desempenho escolar.

Ainda seguindo as contribuições de Fante (2005), quando o *bullying* ocorre na presença do professor e se o mesmo não intervier, sua atitude perante a sala não se situará em polo suficientemente positivo para que a turma entenda o valor do respeito pedagógico da ambiência escolar. Atualmente, o clima de medo e violência generalizados tem levado muitos professores a tratar como casos de polícia situações que poderiam e deveriam ser resolvidas dentro do âmbito escolar. Por esse motivo, é importante distinguir os conceitos: indisciplina e *bullying*.

Carvalho (2003) indica que a indisciplina inclui todos os atos que ferem as regras de bom funcionamento da escola e das aulas, enquanto as agressões física, verbal e a intimidação entre

colegas caracterizam o *bullying*. Pesquisa recente de Borges (2013) sobre o cotidiano escolar, na esteira da socioantropologia de Michel Mafessoli e da antropologia do imaginário de Gilbert Durand, apontar o declínio dos ritos de passagens de jovens na contemporaneidade como um dos fatores responsáveis pela indisciplina atual.

Fante (2005) reflete que na medida em que se percebem casos de *bullying* nas relações próprias da ambiência escolar, surge a necessidade de enfatizar que a escola não é apenas um ambiente para se aprender a ler e escrever, mas também um lugar de socialização e desenvolvimento da pessoa e da sua cidadania. Neste sentido, a instituição precisa garantir o direito de cada estudante em receber uma educação com equidade sem permitir que o mesmo seja vitimado. Portanto, surge a necessidade de conhecer que medidas os professores tomam diante os atos de violência em sala de aula, quando e se as tomam.

Cabe ressaltar, que ensinar é muito mais que transmitir conhecimentos e que os professores precisam se conscientizar e reformular seus modos de trabalho, pois muitos descuidam de refletir sobre a aula que vão ministrar, possuindo maneiras autoritárias que quase sempre levam ao preconceito diante do aluno, e que as consequências desses atos reprimem o educando e semeiam nele sentimentos de conformismo, passividade e desmotivação. Fante (2008) reforça que essas atitudes educacionais parecem ser contraditórias à época em que vivemos, na qual a realidade que cerca o aluno é tecnológica, dinâmica e heterogênea, o que também é em Ferreira-Santos e Almeida (2011).

Em pesquisa apresentada pela Revista Portal da Ciência (2013), da Universidade Federal do Maranhão, intitulada “*Violência nas Escolas: o olhar dos professores*”, realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPES) e Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), tendo como perfil da amostra professores da rede estadual em 167 cidades daquele estado, foram apontados dados preocupantes: 75% dos professores presenciaram briga de alunos, 62% foram xingados, 35% foram ameaçados e 24% roubados ou furtados.

Na realidade maranhense, destaca-se o trabalho, em andamento, da professora Maria José dos Santos, da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal. A professora coordena e seu

grupo desenvolve o trabalho intitulado “*Arena da paz: ressignificação dos sentidos atribuídos à violência no cotidiano escolar*”, na cidade de Bacabal<sup>3</sup>, Maranhão e objetiva dar voz ao professor da rede de ensino municipal. Neste estado, o Grupo Especial de Apoio às Escolas (GEAPE) registrou 69 casos de agressão física no ambiente escolar, o dobro que em 2011, por exemplo. Seus estudos apontam a gravidade de casos em escolas da periferia daquela cidade da mesorregião do centro maranhense (PORTAL DA CIÊNCIA, 2013). Não há pesquisas deste porte em Imperatriz, ou desconhecemos até o momento no sul maranhense, ao que este é uma contribuição inicial nesta região específica.

### 3. *A interface do bullying no âmbito escolar*

A partir de agora apresentamos os principais resultados obtidos e a análise dos dados, com citações exemplares, seguidos das discussões mais pertinentes, de acordo com a literatura e nossas considerações mais consistentes. Os resultados foram organizados e divididos em quatro tópicos de análise, de acordo com nosso objetivo, ou como segue abaixo.

O primeiro tópico abordou: *o que os professores consideram como violência escolar*. Nesse momento são destacadas diversas manifestações de violência na percepção dos professores, como: a agressão física, verbal, intimidação, as quais eles apontaram como violência escolar. Indicaram alguns fatores preponderantes como a indisciplina e a rebeldia típicas da fase da adolescência para o aparecimento da mesma.

No segundo tópico foi apontada: *a percepção dos professores diante do bullying no âmbito escolar*. A partir do conhecimento prévio sobre a violência dentro da escola, os professores destacaram o significado do *bullying*, suas perspectivas e situações presenciadas. Em relação ao combate e à prevenção desse fenômeno na escola, os resultados das entrevistas revelaram que esses docentes sentem-se incapacitados por não saberem agir de forma adequada diante destas

---

<sup>3</sup> **Bacabal** é um município do estado do [Maranhão](#). Recebeu esse nome porque na região havia muitas palmeiras de bacabal (Macaba ou bacaba provém do tupi iwa-kawa: "fruta gorda, graxa"). Está localizado a cerca de 250 [km](#) de distância da capital do estado, [São Luís](#). A população do município é de 101.738 habitantes, segundo estimativa do [IBGE](#) em 2010, e 1.683 km<sup>2</sup>. Foi criado em [1920](#). Possui os títulos de Princesa do rio Mearim e Capital do Médio Mearim, um dos rios mais importantes do estado.

manifestações de agressão.

O próximo tópico discutiui: *o bullying segundo a percepção da professora-coordenadora*. A mesma destacou suas experiências, sua relação com os alunos, suas expectativas em favor da repressão desse fenômeno e seus métodos de punição. Embora o termo “punição” remeta à ideia de violência e intimidação, não é o caso dessa definição, pois, a professora-coordenadora exemplifica como método de punição a retenção dos agressores a atividades prazerosas, como medida de reflexão sobre seus atos.

Finalmente, o quarto e último tópico versou sobre: *a percepção dos alunos sobre os professores diante dos casos de agressão no âmbito escolar*. Os resultados apresentaram as noções dos alunos sobre violência e *bullying* e destacaram a insatisfação dos alunos diante as situações em que os professores não interviram nos casos de violência, bem como o desejo dos alunos em inserir os docentes nos conflitos como medida para a resolução dos mesmos.

Referente ao tópico um, colocamos as seguintes transcrições:

**Professora A:** [...] Em todas as salas possuem casos de *bullying*. [...] A escola em que trabalho não possui medidas específicas, no entanto de acordo com a gravidade dos casos, os mais graves são encaminhados à coordenação, que em seguida decide as medidas cabíveis para a resolução do problema.

**Professor B:** [...] a escola possui vários casos de *bullying* e já presenciei muitos casos no dia a dia da escola. [...] Não existem medidas específicas e quando os casos não são resolvidos em sala de aula, a partir daí, são encaminhados à coordenação que decidirá as medidas cabíveis para resolver os conflitos.

**Professora C:** [...] possuem vários casos de *bullying* [...] Não existem punições específicas, e os casos mais sérios são direcionados à coordenação que é responsável em tomar as medidas mais cabíveis.

Retrocedendo à literatura estudada, ou de acordo com Fante, a escola como um todo precisa

estar preparada para combater e prevenir os casos de *bullying*. Tarefa árdua, uma vez que o professor precisa reformular sua abordagem pedagógica evitando o autoritarismo que pode dar margem ao preconceito entre os alunos. No entanto, a falta de habilidade para enfrentar este tipo de problema se torna uma das dificuldades das escolas nos dias atuais, porque em que pese a maioria saber o que significa *bullying*, na prática, no dia a dia escolar muitos profissionais não conseguem discernir os atos de *bullying* dos conflitos escolares.

Consequentemente, a falta de ambas as necessidades, acima urgidas, se não desenvolvidas e devidamente equilibradas geram a insegurança e a desmotivação no corpo docente em se posicionar em sala de aula.

De acordo com a literatura, e como podemos observar nos relatos dos professores A, B e C, a coordenação serve como uma “válvula de escape” para solucionar o *bullying* e outros conflitos. Entretanto, esta situação nos incita e nos leva a questionar qual seria a autonomia desses professores e suas reais potências para contribuir com a resolução dos casos em sala de aula, tarefa que, já se sabe, não é fácil. Igualmente, nos questionamos se os mesmos possuem as habilidades necessárias requeridas para identificar, tratar e direcionar o conflito em estudo, quando este emergir em sala, ou deste espaço-tempo pedagógico de todas as pessoas envolvidas.

Percebe-se, de acordo com os dados obtidos, que os professores aparentemente não se reconhecerem empoderados na autonomia em sala para a resolução do *bullying*, pois, vê na coordenação, e muitas vezes na direção, um auxílio imponente e hegemônico para a solução de tal problema. O *bullying*, quando ocorre em sala de aula, requer um tratamento mais específico e a problematização em grupo se faz necessária para o desenvolvimento social dos educandos em geral, não tão somente com os envolvidos, mas também de forma preventiva com todo o grupo. Para se chegar a um resultado mais efetivo, é necessário um trabalho sistemático e processual desde a sala de aula até a direção, uma vez que são momentos diferentes da resolução pedagógica. Para tal, seria estratégico pensar nesta demanda, ou seja, incluir na formação do professor, habilidades e competências que propiciem identificar os gêneros de violência e construção comunitária de projetos anti-*bullying*, nosso foco de estudo.

Assim, como foi questionado aos professores sobre a existência e o tipo de violências no

âmbito escolar, foi fundamental ouvir as considerações da coordenadora, isso porque ela, também como professora, pode contribuir como autora social importante quanto à prevenção e o combate ao *bullying* e à violência geral dentro da escola.

A coordenadora apontou que:

**Coordenadora:** [...] a realidade da escola que eu trabalho não é diferente e são comuns os casos de violência escolar no dia a dia. São casos corriqueiros e geralmente há a necessidade de intervenção. [...] o *bullying* é um ato de violência, que ocorre em todas as esferas, tanto dentro da escola como fora, porém eu atribuo a maior incidência dos atos dentro do âmbito escolar, às atitudes e as convivências dos alunos fora da escola. [...] A família é um dos responsáveis pelo aparecimento desses casos, pois na escola há crianças com famílias desestruturadas e outras que são criadas por terceiros.

A primeira medida a se tomar em relação à problemática do *bullying* é a conscientização da existência dele no âmbito escolar. Em que pese percebermos que muitos gestores resistem em assumir a existência do *bullying* por falta de conhecimento e ou habilidades no combate e prevenção dos atos de violência, aparentemente este não é o caso da coordenadora da escola, já que a mesma transpareceu ser uma pessoa consciente e compromissada com seu trabalho e a questão em evidência. Mas, apesar da boa vontade são necessárias medidas sistemáticas para o combate e prevenção, ressaltando que o *bullying* é uma violência difícil de detectar e por vezes é confundido com conflitos comuns entre escolares.

A preocupação da coordenadora em exercer a obrigatoriedade de intervir diante dos conflitos é perceptível e embora a mesma esteja sempre disponível a intermediar os conflitos, relata que a cada ano os alunos se tornam mais violentos e as proporções de violência dentro da escola aumentam aceleradamente. O que reflete e torna difícil a tarefa mediadora do professor dentro de sala de aula.

Segundo Fante, é possível atribuir a grande incidência de casos de violência escolar ao despreparo da direção e ao fator crescente e modulante dos fatores externos que os alunos levam

para dentro da escola. No entanto, os dados coletados apontam que as dificuldades apresentadas pela direção estão mais relacionadas à falta de projetos anti-*bullying*, pois estes deveriam promover a orientação e o acompanhamento necessário para assegurar o desenvolvimento do combate e prevenção do mesmo. Por este motivo, os professores podem se sentir desamparados em meio às manifestações de violência em geral e ao *bullying*, por não se aperceber concomitantemente motivado e encorajado como um promotor fundamental das ações anti-*bullying* em sala de aula.

A coordenadora destacou sua percepção em relação ao *bullying* e presumiu que as manifestações desse comportamento podem passar despercebidas no cotidiano escolar, mas seus efeitos, ao contrário, podem ser irreparáveis quando não são detectados de forma que haja intervenção adequada. Dentro do espaço escolar, a boa convivência é fundamental para o desenvolvimento da criança e do adolescente. A escola não consegue conter os conflitos sem a participação da comunidade escolar, em especial a do professor em sala, e principalmente sem o apoio da instituição, que assegure os direitos de crianças e adolescentes. O que corrobora o que trouxemos sobre na literatura anteriormente estudada.

Ao analisar o quarto tópico, ou seja, a fala dos alunos entrevistados, notou-se quão significativa é a maneira como estes demonstram sua confiança na figura do professor, pois, diante dos conflitos eles recorrem, em primeiro plano, ao auxílio deste para a resolução do problema.

Assim, os alunos ressaltaram que:

**Aluno A:** [...] Quando sou agredido pelos colegas de sala, eu sempre peço a ajuda do professor, que sempre ameaça mandar para a secretaria quem continuar com as agressões. [...] Eu sempre espero que o professor reclame com os alunos agressores e que eles não cometam mais as agressões.

**Aluno B:** [...] A professora reclamou com o aluno que estava apelidando o meu colega e encaminhou ele para a secretária e depois a coordenadora mandou chamar os pais dele. [...] Eu espero que o professor primeiramente separe a briga e depois leve os alunos envolvidos para a secretaria para

explicar o motivo. Quando eu estudava em outra escola, os professores não se importavam com os conflitos entre os alunos em sala de aula e que uma vez a professora falou a seguinte frase diante uma briga: “se vocês quiserem se matar que se matem”.

Os alunos esperam que os professores sejam respeitosos, eficazes e compreensivos. Partindo desse pressuposto, eles querem ser reconhecidos pelo corpo docente como cidadãos que possuem direitos e dignidade. Porém, para Aramis e Fante, muitos diretores, professores e pais ainda resistem em aceitar que o perfil do aluno mudou, que as crianças e os jovens de hoje não são mais os mesmos que tiveram acesso às escolas do passado, ou seja, antigamente os alunos já chegavam à escola condicionados a respeitar e obedecer aos professores, por orientações dos pais. Mas o apelo consumista da juventude contemporânea, a decadência de ritos de passagem e o acesso à informática doméstica, por exemplo, tem mudado rapidamente diversos comportamentos relacionais.

Atualmente, muito embora esta polarização da hierarquização vertical não exista mais, por estar horizontalizada, a relação professor-aluno ainda requer do primeiro, pelo segundo, uma atitude intervencionista e de liderança na sala de aula, conforme mostram nossos dados.

Contraditoriamente, as diversidades de direitos do estudante sufocaram seus deveres, deixando de lado o respeito pelo o professor, o qual é reivindicado, resgatado e deliberado, pelo aluno, tão logo a situação de *bullying* atinja um grau extremo. Tal ausência de reconhecimento e respeito por parte do aluno ao professor gera desmotivação em vários educadores, ocasionando baixa produtividade em sala, além do estímulo inconsciente ao preconceito contra alunos com dificuldades para aprender, por ser ou por estar deficiente, do ponto de vista intelectual, social, afetivo, emocional, físico, cultural entre outros. Em torno das dificuldades polarizadas apontadas, pode-se concluir que a percepção do professor diante dos casos de *bullying* esteja interligada aos fatores acima exemplificados, ainda que haja outros que não identificamos, e não focamos, no nosso estudo.

Faz-se necessário, portanto, e não de qualquer forma, que o professor busque as ferramentas que facilitem o diálogo e o bom convívio com os educandos a fim de promover uma boa relação em



sala de aula, independente da aceitação dos alunos que a princípio poderão manifestar alguma resistência, embora no decorrer do processo sejam capazes de compreender o valor de uma boa convivência.

### *Considerações finais*

Atualmente, as escolas têm enfrentado o desafio de combater a violência no âmbito escolar em meio à responsabilidade de desenvolver o processo de aprendizagem dos alunos. Embora a violência faça parte das escolas há décadas, o que preocupa é o crescimento desenfreado e as novas categorias de violência utilizadas. Diante dessa responsabilidade de educar crianças e adolescentes, é imprescindível que o professor assuma um verdadeiro compromisso com a educação, que sejam capazes de perceber e observar as dificuldades dos alunos em se relacionar com os colegas.

Dentre as categorias de violência utilizadas atualmente no âmbito escolar, pode-se destacar o fenômeno *bullying*. Uma modalidade de violência complexa, cuja existência é comum no espaço escolar, mas o que difere entre as escolas é o reconhecimento do problema e as medidas de combate e prevenção. Através da mídia, o *bullying* ficou conhecido mundialmente pelos desfechos trágicos causados, repercussão esta que nos alerta para o crescimento desenfreado desse fenômeno, porém não podemos deixar que o pânico nos domine e nos impeça de solucionar o problema.

Os resultados neste estudo apontaram que os professores possuem dificuldades em lidar com o *bullying* tanto em sala de aula quanto em outros ambientes da escola. Podemos atribuir essa dificuldade à forma como o *bullying* é praticado, pois é comum na maioria dos casos os atos violentos serem praticados de forma dissimulada e/ou longe dos olhares do corpo docente.

Constatou-se que os professores, perante os casos de *bullying*, ressaltam ao aluno a necessidade de intervenção, isso porque o aluno sente-se desamparado em meio às brigas e confusões e almeja que os professores solucionem os conflitos no âmbito escolar, o que reforça o “saber que/ o quê” do *bullying* em detrimento do “saber como lidar com”. Ou seja, destaca a importância de conhecer as características e o processo de evolução do *bullying* além das formas como lidar com essa problemática.

É notório que os professores conhecem e entendem o que significa *bullying*, no entanto não possuem formas sistemáticas ou eficazes para lidar com os conflitos, recorrendo sempre à coordenação na hora de solucionar os problemas. Em relação à manifestação do *bullying* foi possível observar que ele ocorre com frequência em todos os âmbitos da escola, porém nossos dados apontaram que na sala de aula o professor não possui o controle necessário e hábil para resolver os conflitos, ainda que deseje solucioná-los.

Assim, se constata a fragilidade e dificuldade do corpo docente da escola em lidar com conflitos, e a necessidade de implementação de projetos de combate e prevenção ao *bullying*. Embora a escola utilize o diálogo como uma medida aplicada contra o *bullying*, as medidas de combate e prevenção vão muito além da conversa, sendo necessário um conjunto de medidas que valorizem a parceria da família com a escola, ou seja, o fortalecimento da comunidade escolar, da pessoa-outro-comunal.

A realização desta pesquisa nos fez adentrar no universo do *bullying* e concluir o quanto essa modalidade de violência poder ser dolorosa para a vítima e dificultosa no processo de combate e repressão. Do mesmo modo, nos alerta para a necessidade de novas pesquisas que busquem informar a comunidade escolar sobre novas manifestações do *bullying*, como o *ciber-bullying* e a distinção de gênero masculino/ feminino na de tal problema.

Conclui-se, desta forma, que é preciso ter consciência de que embora as escolas estabeleçam projetos anti-*bullying*, a erradicação desse fenômeno no ambiente escolar é algo improvável, no sentido que a escola é um lugar de aprendizagem, orientação e formação social e intelectual dos indivíduos que sempre deverão estar a postos para combater e prevenir manifestações de *bullying* e outros tipos de violência.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G. **Violências nas escolas: versão resumida**. Editora: UNESCO 2003.
- ABRAMOVAY, M. & CASTRO, M. G. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003. 1999.

ARAMIS, L. N. **Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes.** IN: *Jornal de Pediatria* – Artigo de Revisão, 2005.

BORGES, P. R. **O declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens na sociedade contemporânea.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.

BERGER, P.; LUCKMAN, A. **Construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo: Ed. Gente, 2008.

CLÉMENCE, A. **Violência e incivildade na escola: A situação na Suíça.** IN: DEBARBIUEX & BLAYA, C. (Org.). *Violência nas escolas: dez abordagens europeias.* Brasília: UNESCO, 2002, p. 223-247.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying – como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas SP: Editora Veros, 2 ed., 2005.

FANTE, C. **Bullying no ambiente escolar.** IN: *Revista de Educação Física.* n. 13, dez. 2008.

FANTE, C. **Bullying Escolar – Programa de Enfrentamento ao Bullying no ambiente escolar.** "Campanha Aprender Sem Medo". 2009.

FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, R. **Antropológicas da Educação.** São Paulo: Képos, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LEITE, R. L. O. **A supervisão dos recreios: Uma medida eficaz na prevenção do bullying.** Rio de Janeiro 1999. Disponível em <http://www.meuartigo.brasilecola.com/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MANTOAN, M. T. E. . **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

NARODOWSKI, M. **El bullying como substituto de la vieja indisciplina: estrategias frente a la disolución de la autoridad adulta.** IN: *Revista Linhas,* v. 13, n. 2 (2012).

PORTAL DA CIÊNCIA. **Arena da Paz: estabelecendo relações sociais no âmbito escolar.** IN: *Revista Portal da Ciência,* Ano III, n. III, out. 2013, p. 9.

SCHILLING, F. **A sociedade da insegurança e a violência na escola.** São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, A. B. B. **Bullying, Cartilha 2010 – Projeto justiça nas escolas.** Brasília, Brasil, 1º edição, 2010.

SILVA, J. M. P e SALLES, L. M. F. **A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção.** IN: *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. Especial 2, p. 217-232, 110. Editora UFPR, 2009.

SILVA, J. M. P e SALLES, L. M. F. **Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo.** Cultura acadêmica, São Paulo, Brasil. Editora UNESP, 2010.

Primeiro semestre 2014, volume 1, número 16.

